

ANÁLISE DA FREQUÊNCIA GENOTÍPICA DE POLIMORFISMOS DO TCRBV18 E DO TCRBV3S1 EM INDIVÍDUOS COM ESCLEROSE SISTÊMICA. *Andrea Wieck, Ricardo Xavier, Marcos Bredemeyer, José Artur Bogo Chies (orient.) (UFRGS)*

A Esclerose Sistêmica é uma doença do tecido conectivo afetando principalmente mulheres acima dos quarenta anos. Ela atinge muitos sistemas do organismo estando associada a outras doenças como as síndromes de CREST, Sjögrens e fenômeno de Raynaud, sendo ligada a fatores genéticos e autoimunes. Nosso objetivo é montar um banco de DNA dos indivíduos acometidos por Esclerose Sistêmica e testar a frequência de dois polimorfismos em segmentos gênicos, o TCRBV18 e o TCRBV3S1 nos mesmos. Ambos polimorfismos alteram a população de células T periféricas em um indivíduo: o TCRBV18 por apresentar um alelo nulo; e o TCRBV3S1 por possuir um alelo que aumenta a disponibilidade do segmento durante o processo de rearranjo gênico (alelo 2). Até o momento fez-se a extração de DNA de 130 amostras de sangue periférico dos indivíduos e genotipagem para os polimorfismos do TCRBV18 e TCRBV3S1 de 84 e 60 indivíduos respectivamente. Preliminarmente temos uma frequência de 0,309 para o alelo nulo do TCRBV18, com frequências genotípicas 0,500, 0,380 e 0,120 respectivamente para homozigotos do alelo selvagem, heterozigotos e homozigotos para o alelo nulo. Já o alelo 2 do TCRBV3S1 apresentou uma frequência de 0,475, e frequências genotípicas 0,300, 0,450 e 0,250 respectivamente para homozigotos do alelo 1, heterozigotos e homozigotos para o alelo 2. Estes dados comparados com os controles normais já estabelecidos indicam associação do alelo nulo do TCRBV18 ($p= 0,022$) e do alelo 2 do TCRBV3 ($p=0,0001$) com o desenvolvimento da Esclerose Sistêmica, sugerindo o envolvimento do repertório de células T no desenvolvimento da mesma. (BIC).